

USO DE OCITOCINA E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**USE OF OCYTOCIN AND OBSTETRIC VIOLENCE: AN INTEGRATIVE REVIEW****USO DE OXITOCINA Y VIOLENCIA OBSTÉTRICA: UNA REVISIÓN INTEGRADORA**

Karolayne Pereira de Souza¹, Sabrinne de Sousa Passarini¹, Vitória Marcele Barbosa da Silva¹, Ruth Silva Lima da Costa²

e555209

<https://doi.org/10.47820/recima21.v5i5.5209>

PUBLICADO: 05/2024

RESUMO

A violência obstétrica, uma preocupação global que afeta uma em cada três mulheres, destaca-se pela falta de conscientização e subnotificação. Objetivo: evidenciar a relação entre o uso de ocitocina e a violência obstétrica. Método: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, conduzida nas bases de dados *National Library of Medicine* (MEDLINE/PUBMED e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) com foco em estudos publicados entre 2018 e 2024. Resultados: Os resultados revelaram uma lacuna no conhecimento das mulheres sobre a violência obstétrica, com destaque para experiências ligadas ao uso inadequado de ocitocina. A falta de consentimento para a administração deste medicamento, associada a práticas invasivas como a manobra de Kristeller e episiotomia, ressaltam a urgência de intervenções para promover uma assistência ao parto mais respeitosa, ética e alinhada aos direitos das mulheres. Conclusão: Os achados demonstram a importância de enfrentar a violência obstétrica, especialmente relacionada ao uso de ocitocina, e enfatizam a necessidade de práticas mais humanizadas na assistência ao parto.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde da Mulher. Práticas Obstétricas. Assistência ao Parto.

ABSTRACT

Obstetric violence, a global concern affecting one in three women, stands out for its lack of awareness and underreporting. Objective: To highlight the relationship between the use of oxytocin and obstetric violence. Method: This is an integrative literature review conducted on the National Library of Medicine (MEDLINE/PUBMED) and Scientific Electronic Library Online (SciELO) databases focusing on studies published between 2018 and 2024. Results: The findings revealed a gap in women's knowledge about obstetric violence, particularly experiences linked to the inappropriate use of oxytocin. Lack of consent for the administration of this medication, coupled with invasive practices such as the Kristeller maneuver and episiotomy, underscores the need for interventions to promote more respectful, ethical, and woman-centered childbirth care. Conclusion: The findings demonstrate the importance of addressing obstetric violence, especially related to the use of oxytocin, and emphasize the need for more humanized practices in childbirth care.

KEYWORDS: Women's Health. Obstetric Practices. Childbirth Assistance.

RESUMEN

La violencia obstétrica, una preocupación mundial que afecta a una de cada tres mujeres, destaca por su falta de concienciación y subregistro. Objetivo: Evidenciar la relación entre el uso de oxitocina y la violencia obstétrica. Método: Se trata de una revisión integradora de la literatura, realizada en las bases de datos de la National Library of Medicine (MEDLINE/PUBMED) y Scientific Electronic Library Online (SciELO), centrada en estudios publicados entre 2018 y 2024. Resultados: Los resultados revelaron un vacío en el conocimiento de las mujeres sobre la violencia obstétrica, con énfasis en las experiencias relacionadas con el uso inadecuado de la oxitocina. La falta de consentimiento para la administración de este fármaco, asociada a prácticas invasivas como la maniobra de Kristeller y la

¹ Centro Universitário UNINORTE.

² Doutoranda em Epidemiologia em Saúde Pública (FIOCRUZ/ENSP). Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal do Acre (UFAC); Especialista em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde (UFAC) e em Educação Profissional na Área da Saúde: Enfermagem (FIOCRUZ/ENSP). Mestre em Ciências da Saúde (UFAC). Enfermeira na Secretaria de Estado de Saúde do Acre e no Centro Universitário Uninorte. Docente, coordenadora adjunta do curso de Medicina, membra do núcleo docente estruturante (NDE) dos cursos de Enfermagem e Medicina. Tem experiência na área de gestão e planejamento em saúde, atenção à saúde da criança e adolescente e atenção primária em saúde.

episiotomía, ponen de manifiesto la urgencia de intervenciones para promover una atención al parto más respetuosa, ética y acorde con los derechos de las mujeres. Conclusión: Los hallazgos demuestran la importancia de enfrentar la violencia obstétrica, especialmente la relacionada con el uso de oxitocina, y enfatizan la necesidad de prácticas más humanizadas en la atención al parto.

PALABRAS CLAVE: Salud de la Mujer. Prácticas obstétricas. Asistencia para el parto.

INTRODUÇÃO

A violência obstétrica afeta aproximadamente uma em cada três mulheres globalmente. No entanto, sua prevalência varia por região e cultura, sendo mais comum em locais com práticas obstétricas específicas ou falta de regulamentação. Subgrupos vulneráveis, como mulheres de baixa renda, são mais suscetíveis. A falta de conscientização e subnotificação são desafios, mas a conscientização e intervenções estão sendo promovidas para melhorar a assistência ao parto (Bohren *et al.*, 2015).

Ela ocorre quando o corpo da mulher é subjugado sem consentimento durante o parto e pós-parto, resultando na perda de autonomia devido a práticas e medicamentos inadequados. Esta experiência traumática pode causar impactos psicológicos devido à falta de informação. O trabalho de parto, um processo complexo e variável para cada mulher, requer acompanhamento e apoio emocional para garantir a segurança da mãe e do bebê (Brasil, 2014).

O programa de humanização e pré-natal e nascimento (PHPN) se reporta como sendo um direito de escolha de toda mulher, seja durante a gravidez ou parto, e objetiva-se adequar para reorganizar a assistência à mulher no parto, com um mínimo de intervenções, reduzindo assim a violência obstétrica resultante de outras violências como psicológica, sexual, física e social (Brasil, 2000).

Durante a parturição, quando detectado alto risco para a mãe e o bebê, a equipe responsável pela assistência prestada pode recorrer ao uso de tecnologias que reduzem o índice de mortalidade materna e neonatal. Entretanto, o excesso de intervenções desnecessárias transformou essas atividades em ações mecanizadas, fragmentadas e desumanizadas, convertendo-as em episódios violadores de direito e de caráter violento, conhecidos como violência obstétrica (Leal *et al.*, 2018).

O uso da ocitocina é prevalente na obstetrícia para estimular o parto, principalmente para melhorar as contrações uterinas e tratar a distocia, visando reduzir as taxas de parto cesáreo. No entanto, seu uso pode acarretar efeitos adversos para a mãe e o recém-nascido, especialmente quando doses elevadas são administradas. Erros na administração de ocitocina são comuns nos hospitais, exigindo maior controle por parte dos profissionais de saúde. (Hidalgo-Lopezosa; Hidalgo-Maestre; Rodríguez-Borrego, 2016).

No entanto, a intervenção com o uso da ocitocina pode levar a diversos efeitos adversos para a vida da mãe e para o recém-nascido, uma vez que acabam usando doses elevadas de ocitocina que leva o aumento da frequência das contrações e reduzindo o tempo de circulação sanguínea, esse tipo de medicação precisam de um alto controle em sua administração e são atualmente o erro mais cometido pelos profissionais nos hospitais (Lopezosa; Maestre; Borrego, 2016).

Levando em consideração, diversas ações executadas durante o cuidado prestado durante o período perinatal, como a administração de ocitocina, deveriam ser utilizadas com moderação, apenas quando fosse absolutamente recomendado. No entanto, frequentemente acontecem de maneira comum e sem justificção, afetando um grande contingente de mulheres que recebem assistência nos hospitais do país (Moraes *et al.* 2022).

Sendo assim, a violência obstétrica é relevante nas políticas de saúde da mulher e da criança no Brasil. É essencial investigar a relação entre o uso da ocitocina e essa violência, avaliando sua administração respeitosa, segura e ética durante o parto, visando à promoção de cuidados mais humanizados e alinhados com os direitos das mulheres (Lansky *et al.*, 2019).

A pesquisa sobre o uso de ocitocina e sua relação com a violência obstétrica destaca a importância do tema na saúde das mulheres no Brasil. Apesar dos avanços nas políticas de saúde feminina, a persistência da violência obstétrica revela lacunas no conhecimento e práticas inadequadas durante o parto. A falta de justificativa para o uso frequente de ocitocina, muitas vezes sem monitoramento adequado, representa um desafio crítico. Esta pesquisa busca preencher essa lacuna, promovendo cuidados mais humanizados e seguros durante o período perinatal, visando o bem-estar da mãe e do recém-nascido.

Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo evidenciar a interação entre o uso de ocitocina e a violência obstétrica

MÉTODO

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, de acordo com as recomendações de Mendes; Silveira; Galvão (2008). Para a construção da presente pesquisa, foram percorridas seis etapas: identificação do tema e formulação da questão de pesquisa; estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão de estudos relevantes; definição das informações que foram extraídas dos estudos selecionados; avaliação crítica dos dados coletados; interpretação dos resultados e revisão para apresentação final.

A questão norteadora definida para este estudo foi: “Qual a relação entre o uso de ocitocina e a violência obstétrica?”.

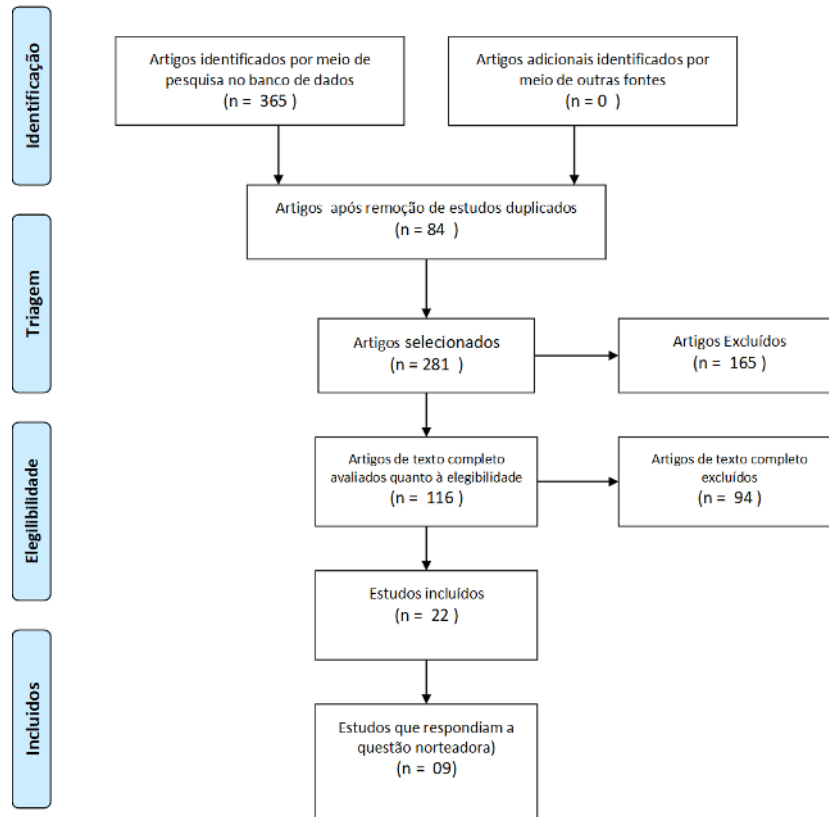
Para seleção dos artigos, foi realizada uma busca eletrônica nas seguintes bases de dados: *National Library of Medicine* (MEDLINE/PUBMED e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

A busca eletrônica para realização da pesquisa foi realizada a partir do uso dos descritores em português “Assistência ao Parto”, “Violência Obstétrica”, “Ocitocina”, “Intervenções Obstétricas” e em inglês “*Birth Assistance*”, “*Obstetric Violence*”, “*Oxytocin*”, “*Obstetric Interventions*”, extraídos do DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) do Portal da Biblioteca Virtual em Saúde. Para ampliar o alcance quantitativo de estudos sobre o tema, foi acrescentado o operador booleano “AND” nas interseções entre os descritores.

Quanto aos critérios de inclusão para esta pesquisa, foram selecionados: artigos publicados entre 2018 e 2024, escritos em português ou inglês, com disponibilidade eletrônica, publicados no Brasil e que abordem diretamente o tema da pergunta norteadora.

Foram excluídos: artigos duplicados, escritos em idiomas diferentes do inglês ou português, publicados antes de 2018, estudos que não abordem diretamente o tema da pergunta norteadora, estudos publicados em outros países e artigos de revisão de literatura de qualquer tipologia.

O procedimento de seleção dos artigos está estabelecido no fluxograma a seguir:



A análise dos dados foi realizada de forma descritiva, procedendo-se à categorização dos dados extraídos dos estudos selecionados em grupos temáticos, a partir da identificação de variáveis de interesse e conceitos-chaves, resultando na identificação de nove estudos que compuseram os resultados da presente pesquisa.

A pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) local, por se tratar de um estudo em fontes secundárias e não se enquadrar dentro da legislação do CONEP/MS, resolução 466/2012.

RESULTADOS

Após uma minuciosa análise, foi possível obter uma visão geral abrangente dos dados. Dos nove artigos selecionados, sendo publicados em 2018 a 2023.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

USO DE OCITOCINA E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA
 Karolayne Pereira de Souza, Sabrinne de Sousa Passarini, Vitória Marcelle Barbosa da Silva, Ruth Silva Lima da Costa

Quadro 1 – Sumarização dos artigos encontrados sobre a relação entre o uso de ocitocina e a violência obstétrica

AUTOR/ANO	TÍTULO	OBJETIVO	RESULTADO/DESFECHO
PASCOAL <i>et al.</i> , 2020	Violência obstétrica na percepção de puérperas	Analisar a percepção de puérperas a respeito da violência obstétrica em uma maternidade de um município paraibano.	Em meio aos questionamentos quanto á violência obstétrica, 79 (59,8%) relataram não conhecer o termo "violência obstétrica"; 126 (95,5%) puérperas expuseram que não receberam informações sobre violência obstétrica no acompanhamento do pré-natal. Dentre as participantes 97 (73,5%) pronunciaram que acham que o uso de ocitocina é um tipo de violência.
NASCIMENTO <i>et al.</i> , 2019	Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto	Averiguar o conhecimento de mulheres sobre a violência obstétrica e verificar as formas de violência obstétrica vivenciadas por mulheres durante o processo de parturição.	Os resultados apontam que a maioria das entrevistadas desconhece o termo violência obstétrica. As demais relataram situações de violência verbal e não verbal, submissão a procedimentos invasivos não consentidos por elas como o uso de ocitocina, <i>manobra de Kristeller</i> e episiotomia.
FARIAS <i>et al.</i> , 2021	Análise da violência obstétrica pela mulher: vivência e reconhecimento de procedimentos obstétricos associados / Análise da violência obstétrica pela mulher: experiência e reconhecimento dos procedimentos obstétricos associados	Identificar a análise da mulher sobre violência obstétrica a partir da vivência de procedimentos obstétricos associados.	Os tipos de violência obstétricas mais recorrentes foram uso de ocitocina, Manobra de Kristeller e exames de toques repetidos; em que mais da metade das puérperas de parto normal não poderia escolher a posição de parir no momento do parto. A maioria desconhece a temática da violência obstétrica.
GUIMARÃES: JONAS; AMARAL, 2018	Violência obstétrica em maternidades públicas do estado do Tocantins	Identificar as percepções das mulheres sobre violência obstétrica no processo de parto.	A violência obstétrica também está relacionada ao descumprimento de boas práticas, como a não utilização de métodos de alívio à dor, a utilização de ocitocina de forma indiscriminada, episiotomias de rotinas e <i>kristeller</i> . As mulheres reconheceram que foram vítimas de violência no momento do parto. Foi constatado, em todas as unidades pesquisadas, o descumprimento de normativas importantes, com violação dos principais direitos das parturientes, caracterizando-se, assim, a magnitude da violência e a necessidade da melhoria desses serviços.
DE SOUZA <i>et al.</i> , 2021	Conhecimento das mulheres sobre violência obstétrica em	Relatar o conhecimento de mulheres de uma Unidade Básica de	Observou-se que as mulheres compreendem pouco os atos violentos e invasivos e que elas

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

USO DE OCITOCINA E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA
 Karolayne Pereira de Souza, Sabrinne de Sousa Passarini, Vitória Marcelle Barbosa da Silva, Ruth Silva Lima da Costa

	uma Unidade Básica de Saúde na Zona Oeste-RJ	Saúde em relação à violência obstétrica.	têm dificuldades de definir o que é a violência obstétrica sofrida durante o parto. E os procedimentos técnicos mais citados caracterizadores de violência obstétrica, utilizados são: Exame de Toque Recorrente, Episiotomia, Manobra de Kristeller, Tricotomia, proibição de deambulação e uso de ocitocina
CHOURABI, <i>et al.</i> , 2018	Representações e práticas sociais dos profissionais de saúde e usuárias sobre a assistência ao parto em um hospital universitário do sul do Brasil: um estudo à luz do conceito de violência obstétrica	Analisar as representações e as práticas sociais dos profissionais de saúde e usuárias sobre a assistência ao parto em um Hospital Universitário do Sul do Brasil.	As mulheres destacaram diferentes formas de violências sofridas tais como a negligência, a não valorização das suas queixas e o tratamento frio e impessoal por parte dos profissionais. Observou-se ao longo do trabalho que as intervenções como a manobra de kristeller, a posição supina, a episiotomia e a ocitocina são utilizadas de forma subsequentes nas práticas obstétricas, independente dos desejos das mulheres, caracterizando-se como violência obstétrica.
DA COSTA <i>et al.</i> , 2019	Violência Obstétrica: percepção de puérperas em relação aos acontecimentos durante o parto	Relatar a percepção de puérperas em relação aos acontecimentos durante o parto.	Frente as condutas consideradas como violência obstétrica, (11) 55% indicaram ter recebido ocitocina sem terem sido consultadas, (3) 15% afirmaram ter recebido toque vaginal em excesso por diferentes profissionais. Foi relatado por (1) 5% que não foi permitido escolher a posição do parto, sendo que (1) 5% afirmou ter sido submetida a manobra de Kristeller,
OLIVEIRA <i>et al.</i> , 2021	Caracterização da assistência obstétrica desenvolvida em hospitais de ensino de uma capital do Nordeste brasileiro	Descrever a assistência obstétrica desenvolvida em hospitais de ensino (HT) do município de Maceió-AL, destinados a gestações de alto risco.	Em relação às mulheres que receberam assistência para parto vaginal, observou-se que, durante o trabalho de parto, 40,7% receberam ocitocina sintética por acesso venoso; 37,2% não receberam Métodos Não Farmacológicos para Alívio da Dor (MNFAD); 33,7% foram submetidas a toques vaginais consecutivos por pessoas diferentes. Além das mulheres que vivenciaram o parto vaginal, também participaram do trabalho de parto as mulheres que realizaram cesárea intraparto e essas 17,7% também receberam ocitocina sintética por acesso venoso;
DA SILVA <i>et al.</i> , 2023	Incidência de violência obstétrica em um centro de parto normal da Amazônia	Descrever a incidência da violência obstétrica, com ênfase nos procedimentos de	Foram identificadas a ocorrência de violências obstétricas e complicações, apresentando respectivamente as porcentagens:

	Ocidental	episiotomia e manobra de Kristeller em um centro de parto normal da Amazônia Ocidental.	realização de Kristeller (8,20%), episiotomia (4,17%), indução do parto através do uso de ocitocina (21%) e hemorragia pós-parto (3,74%)
--	-----------	---	--

Fonte: De autoria própria (2024)

DISCUSSÃO

Os estudos ressaltaram uma lacuna significativa no conhecimento sobre violência obstétrica, especialmente relacionada ao uso de ocitocina durante o parto. Muitas puérperas desconhecem o termo "violência obstétrica" e relatam experiências de práticas invasivas, como administração de ocitocina sem consentimento adequado. Há também relatos de mulheres submetidas a procedimentos como a manobra de Kristeller e episiotomia associados ao uso indiscriminado de ocitocina (Pascoal *et al.*, 2020; Nascimento *et al.*, 2019; Farias *et al.*, 2021; Guimarães: Jonas; Amaral, 2018; De Souza *et al.*, 2021; Chourabi, *et al.*, 2018; Da Costa *et al.*, 2019; Oliveira *et al.*, 2021; Da Silva *et al.*, 2023).

Destaca-se os achados no estudo realizado por Pascoal *et al.*, 2020, revelando que a maioria das mulheres não conhecia o termo "violência obstétrica" e não recebeu informações sobre o assunto durante o pré-natal. Muitas delas consideraram o uso de ocitocina como uma forma de violência.

Destaca-se que a violência obstétrica ainda é um assunto desconhecido entre as mulheres e poucas conseguem identificar quando estão sofrendo abusos dos profissionais, quando estão sendo tratadas de forma indiferente, quando estão passando por procedimentos desnecessários implicando em sua saúde física e emocional (Nascimento *et al.*, 2019).

Em um estudo que investigou o conhecimento das gestantes sobre violência obstétrica, com 56 participantes respondendo ao questionário, foi observado que 80% das participantes conheciam o termo, mas tinham conhecimento parcial de suas formas. Isso evidencia a necessidade de mais informações sobre o assunto. Destaca-se também a importância dos profissionais de saúde em orientar as gestantes para um parto humanizado, garantindo que conheçam seus direitos e tenham autonomia durante o processo de parto (De Lacerda; Da Costa Mariano; De Passos, 2022).

Os estudos de Nascimento *et al.* (2019), Farias *et al.* (2021) e Guimarães, Jonas e Amaral (2018) investigaram a percepção das mulheres sobre violência obstétrica. Enquanto muitas desconheciam o termo, relataram experiências de violência verbal e não verbal, incluindo o uso de ocitocina sem consentimento. Procedimentos como uso de ocitocina e episiotomias de rotina foram reconhecidos como formas de violência obstétrica. Esses estudos destacam a importância da conscientização sobre violência obstétrica e práticas respeitadas durante o parto.

Os achados dessa pesquisa corroboram com dados que evidenciam a persistência da violência obstétrica em hospitais públicos e privados, atribuída a maus hábitos, falta de conhecimento e possível negligência profissional. Destaca-se a urgência de conscientização e educação continuada dos profissionais de saúde para reduzir intervenções desnecessárias e aumentar a participação das gestantes nas decisões durante o parto. A implementação de programas existentes, aliada à adesão

dos profissionais, é crucial para uma mudança efetiva em direção ao cuidado humanizado (Rezende Silva, 2020).

O estudo realizado por De Souza *et al.* (2021) investigou o conhecimento das mulheres sobre violência obstétrica em uma Unidade Básica de Saúde no Rio de Janeiro. Os resultados revelaram que as mulheres têm pouco entendimento sobre os atos violentos e invasivos durante o parto. Além disso, procedimentos como exames de toque recorrente e o uso de ocitocina foram identificados como formas de violência obstétrica. Esses achados destacam a importância de aumentar a conscientização das mulheres sobre seus direitos durante o parto e a necessidade de garantir práticas obstétricas respeitosas e informadas.

Nesse sentido, uma pesquisa intitulada quebra do Código de Ética na violência obstétrica, abordou a questão como uma violação grave dos direitos da mulher, envolvendo desde violência verbal até procedimentos médicos desnecessários. Ela destaca a Lei nº 13.931, em vigor desde 10 de março de 2020, que exige que os profissionais de saúde notifiquem os casos ou suspeitas de violência contra mulheres em serviços de atendimento, comunicando as autoridades policiais dentro de 24 horas. A pesquisa enfatiza a importância da conscientização tanto para gestantes quanto para médicos sobre como o trabalho de parto deve ser conduzido, visando reduzir as taxas de violência obstétrica no Brasil (Oliveira, 2022).

Vários fatores de risco contribuem para a violência obstétrica, incluindo negligência na assistência, cesarianas sem indicação, procedimentos sem consentimento adequado e falta de informações sobre o uso da ocitocina. A falta de conscientização durante o pré-natal é um grande problema, com a maioria das mulheres não recebendo informações sobre violência obstétrica. Isso aumenta a vulnerabilidade das mulheres a práticas inadequadas durante o parto (Pascoal *et al.*, 2020).

A violência obstétrica é ocasionada quando falta acolhimento, rispidez e negligência médica e assistencial pela equipe, levando a mulher a problemas de saúde no puerpério, ansiedade, depressão pós-parto e não sentir mais vontade de ter filhos (Farias *et al.*, 2021)

Os profissionais de saúde, na maior parte dos casos, oferecem uma assistência com uma qualidade inadequada fazendo com que provoque riscos para a mulher e até mesmo ao recém-nascido, considerando que há uma grande quantidade de procedimentos sendo executados sem que sejam comunicados, explicados a mulher ou a família, privando de se expressarem, inclusive sem a própria permissão (De Souza *et al.*, 2021).

Os resultados de uma pesquisa intitulada intervenções obstétricas durante o trabalho de parto e parto em mulheres brasileiras de risco habitual revelam lacunas na assistência obstétrica no Brasil, com baixa adesão às boas práticas durante o trabalho de parto, especialmente em certas regiões. O uso excessivo de procedimentos como ocitocina, amniotomia e cesarianas, muitas vezes sem necessidade clínica, destaca a medicalização do parto. Para melhorar a qualidade da assistência, é crucial adotar abordagens centradas na mulher, baseadas em evidências e respeitosas aos direitos das gestantes, exigindo revisão dos protocolos, educação dos profissionais de saúde e conscientização das gestantes (Leal *et al.*, 2014).

Dessa forma, a violação dos direitos das mulheres durante o parto pode ser considerada uma forma de violência obstétrica e garantir o direito ao acompanhante pode reduzir essa violência. A ausência desse acompanhamento parece contribuir para o tratamento inadequado. Portanto, a implementação efetiva das leis que protegem esse direito pode ser crucial para diminuir os casos de violência obstétrica (De Almeida; Ramos, 2020).

Mediante a isso, destacam-se os achados de Santos *et al.*, (2019) evidenciando que o seguimento de um plano de parto resulta em experiências positivas para a maioria das mulheres durante o trabalho de parto, parto e pós-parto, caracterizando avanços significativos no combate à violência obstétrica. Aspectos como respeito, uso de métodos de alívio da dor e presença de acompanhante quando valorizados e utilizados, demonstram a eficácia do plano de parto na promoção da autonomia das mulheres e das famílias, além de fomentar reflexões sobre práticas obstétricas.

O estudo apresenta limitações que podem afetar a abrangência e validade dos resultados, incluindo questões relacionadas à disponibilidade e seleção de estudos, viés de publicação, heterogeneidade dos estudos incluídos e limitações dos próprios estudos. Restrições como idioma, localização geográfica e critérios de inclusão/exclusão também podem afetar a representatividade dos resultados. Além disso, a complexidade do conceito de violência obstétrica e mudanças nas práticas clínicas adicionam desafios à revisão. É essencial interpretar os achados com cautela e buscar mais pesquisas para uma compreensão mais precisa dessa relação complexa.

CONSIDERAÇÕES

A conclusão dessa pesquisa destaca a necessidade urgente de enfrentar a violência obstétrica, especialmente em relação ao uso inadequado de ocitocina. Os resultados revelaram uma lacuna no conhecimento das mulheres sobre esse tipo de violência, evidenciando experiências ligadas à falta de consentimento para administração da ocitocina, juntamente com práticas invasivas como a manobra de Kristeller e a episiotomia.

Diante disso, é enfatizada a urgência de intervenções para promover uma assistência ao parto mais respeitosa, ética e alinhada aos direitos das mulheres. Essa conclusão ressalta a importância de práticas obstétricas mais humanizadas e centradas na mulher, visando garantir uma experiência de parto mais segura e satisfatória.

REFERÊNCIAS

BOHREN, Meghan A. *et al.* The mistreatment of women during childbirth in health facilities globally: a mixed-methods systematic review. **PLoS medicine**, v. 12, n. 6, p. e1001847, 2015.

BRASIL. Ministério da saúde. Portaria nº 569, de 1º de junho de 2000. Institui o Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento no âmbito do Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União, Brasília, DF**, 2000.

BRASIL. Ministério da saúde. **Cadernos Humaniza SUS – Vol. 4: Humanização do parto e do nascimento**. Brasília, DF: UECE/ Ministério da Saúde, 2014. Acesso em: 06 set. 2023.

- CHOURABI, Lizandra Flores et al. **Representações e práticas sociais dos profissionais de saúde e usuárias sobre a assistência ao parto em um hospital universitário do sul do Brasil: um estudo à luz do conceito de violência obstétrica.** 2018. Tese (Doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/31149>
- DA COSTA, Ruth Silva Lima et al. Violência Obstétrica: percepção de puérperas em relação aos acontecimentos durante o parto. **Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research**, v. 29, n. 2, 2019.
- DA SILVA, Jaqueline Francisco et al. Incidência de violência obstétrica em um centro de parto normal da Amazônia Ocidental. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 6, p. 31388-31399, 2023.
- DE ALMEIDA, Natalie Maria de Oliveira; RAMOS, Edith Maria Barbosa. O direito da parturiente ao acompanhante como instrumento de prevenção à violência obstétrica. **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário**, v. 9, n. 4, p. 12-27, 2020.
- DE LACERDA, Giovanna Maria Oliveira; DA COSTA MARIANO, Valéria; DE PASSOS, Sandra Godói. Violência Obstétrica e os Direitos das Gestantes: O que as Mulheres Sabem?. **Revista JRG De Estudos Acadêmicos**, v. 5, n. 10, p. 42-53, 2022.
- DE MORAES, Amanda Caroline Martins Machado et al. Parto e ocitocina: a violência obstétrica caracterizada pela imprudência. **Revista Remecs-Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde**, v. 7, n. 12, p. 11-20, 2022.
- DE SOUZA, Juliana Gonçalves et al. Conhecimento das mulheres sobre violência obstétrica em uma Unidade Básica de Saúde na Zona Oeste-RJ. **Global Academic Nursing Journal**, v. 2, n. 1, p. e76-e76, 2021.
- FARIAS, Mariana Maria Pereira Cintra et al. Análise da violência obstétrica pela mulher: vivência e reconhecimento de procedimentos obstétricos associados. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 18425-18437, 2021.
- GUIMARÃES, Liana Barcelar Evangelista; JONAS, Eline; AMARAL, Leila Rute Oliveira Gurgel do. Violência obstétrica em maternidades públicas do estado do Tocantins. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, 2018.
- HIDALGO-LOPEZOSA, Pedro; HIDALGO-MAESTRE, María; RODRÍGUEZ-BORREGO, María Aurora. Estimulação do parto com ocitocina: efeitos nos resultados obstétricos e neonatais. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 24, p. e2744, 2016.
- LANSKY, Sônia et al. Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 2811-2824, 2019.
- LEAL, Maria do Carmo et al. Intervenções obstétricas durante o trabalho de parto e parto em mulheres brasileiras de risco habitual. **Cadernos de saúde pública**, v. 30, p. S17-S32, 2014.
- LEAL, Sarah Yasmin Pinto et al. Percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica. **Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 1, 2018.
- MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto-enfermagem**, v. 17, p. 758-764, 2008.
- NASCIMENTO, Samilla Leal do et al. Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto. **Enfermería Actual de Costa Rica**, n. 37, p. 66-79, 2019.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

USO DE OCITOCINA E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA
Karolayne Pereira de Souza, Sabrinne de Sousa Passarini, Vitória Marcelle Barbosa da Silva, Ruth Silva Lima da Costa

OLIVEIRA, Larissa Lages Ferrer de et al. Caracterização da atenção obstétrica desenvolvida em hospitais de ensino de uma capital do nordeste brasileiro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, p. e20200896, 2021.

OLIVEIRA, Thaís Dias et al. Quebra do Código de Ética na Violência Obstétrica. **Revista Brasileira de Educação, Saúde e Bem-estar**, v. 1, n. 2, 2022.

PASCOAL, Karem Cristinny Fontes et al. Violência obstétrica na percepção de puérperas. **Nursing (São Paulo)**, v. 23, n. 265, p. 4221-4232, 2020.

REZENDE SILVA, Isa Aparecida et al. Violência Obstétrica: Revisão Bibliográfica. **Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research**, v. 31, n. 3, 2020.

SANTOS, Fernanda Soares de Resende et al. Os significados e sentidos do plano de parto para as mulheres que participaram da Exposição Sentidos do Nascer. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, p. e00143718, 2019.